

como ao povo cristão que dela carece de se alimentar, sabendo-a ler devidamente. É, de resto, a forma comum aos livros desta colecção de comentários à Nova Bíblia de Jerusalém, da Desclée de Brouwer, de Bilbao. Domingo Muñoz dá por supostos os estudos de grande fôlego, com intenção e preocupação de cientificidade e destinados a especialistas, como foram os realizados por R. E. Brown, H.-J. Klauck, M. Morgen ou I. De la Potterie. Mas, pelas razões indicadas, segue outro estilo.

No seu modo de ver, a melhor referência para a interpretação e compreensão das Cartas de João é a da tradição, enraizada no testemunho do Apóstolo, a que crescem a insistente referência aos demais escritos do mesmo, o recto uso do método de análise histórico-crítico e outros métodos de análise e interpretação bíblicas.

Num Proémio geral, D. Muñoz faz a apresentação da comunidade joanina, como escola de cristianismo, com as suas marcas próprias: grupo de discípulos à sombra de João, vivendo na fé em Jesus Filho de Deus, na caridade fraterna e na esperança na Vida Eterna, alimentando-se da Palavra e do Sacramento, e sendo uma comunidade testemunhal. Ainda no mesmo Proémio, refere as preocupações do que se chama a Escola de João, a sua actividade literária, litúrgico-homilética e catequética; a língua, o estilo e a biblioteca da mesma Escola; Êfeso como centro de convergências múltiplas dessa Escola; a crise religiosa na Ásia Menor; e a comunidade de João no conjunto da grande Igreja.

Segue-se a exposição sobre cada uma das cartas, com mais demora, naturalmente, na Primeira. Cada uma é objecto de uma introdução apropriada e do respectivo comentário. No que à Primeira Carta se refere, na introdução, faz a distinção entre a sua estrutura de superfície e a sua estrutura profunda; estuda o género e as

formas (e fórmulas) literárias, a teologia da Carta, a sua canonicidade e recepção na Igreja e o seu emprego na liturgia. As duas restantes, além do comentário, são igualmente objecto de uma introdução, com apresentação de aspectos vários, mormente a respectiva teologia.

Como é típico desta colecção, trata-se de um livro que pode ser de grande utilidade não só para o povo de Deus mas também para os que se iniciam nos estudos bíblicos, em curso superiores de Teologia ou de Ciências Religiosas.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

BENOÎT XVI, *Les grands maîtres spirituels du Moyen-Âge*, Lethielleux (Groupe Parole et Silence), Paris, 2010, 170 p., 210 x 140, ISBN 978-2-24962-036-2.

Neste livro se colige uma série de «catequeses» de Bento XVI, proferidas nas audiências gerais das quartas-feiras. Para quem acompanha a actividade do Papa, é sabido que ele dedicou largas semanas à rememoração das grandes figuras da Patrística e da Escolástica – da grande tradição teológica (e filosófica) da Igreja, portanto – com um olhar voltado para o passado e outro atento ao presente, procurando extrair daquelas figuras lições para o nosso tempo.

A série aqui apresentada não abrange todos os Padres recordados por Bento XVI naquelas «catequeses». Outros poderão constituir matéria preciosa para um outro volume. Até porque neles se incluem as figuras maiores, que o Papa teólogo não deixou, naturalmente, de fora (Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, São Bo-

aventura, o beato Duns Escoto, etc.). Aqui, desfilam perante o leitor, numa primeira parte, onze Padres do primeiro milénio cristão: João Clímaco, Beda o Venerável, São Bonifácio, Santo Ambrósio Autpert, Germano de Constantinopla, São João Damasceno, São Teodoro Estudita, Rábano Mauro, João Escoto Erígena e os Santos Cirilo e Metódio. Numa segunda parte, é a vez dos Padres da Idade Média: Odon de Cluny, São Pedro Damiano, Simeão, Santo Anselmo, Pedro o Venerável, São Bernardo, Hugo e Ricardo de S. Victor, Guilherme de Saint-Thierry, Rupert de Deutz, João de Salisbúria e Pedro Lombardo. Nesta parte se incluem também alguns temas relativos a esse tempo, tais como: teologia monástica e teologia escolástica, confrontação de dois modelos teológicos (com Abelardo e S. Bernardo), a reforma cluniancense, as catedrais românicas e góticas como pano de fundo teológico.

Justamente por se tratar de grandes mestres espirituais é que Bento XVI fez questão de os trazer à colação nas suas catequeses. Cada um deles tem uma mensagem que pode ter interesse ser escutada no tempo presente.

LUÍS SALGADO

ABREU, Adélio Fernando, **D. Américo Ferreira dos Santos Silva, Bispo do Porto (1871-1899). Igreja e Sociedade no Porto no Fim do Século XIX**, col. «Biblioteca Humanística e Teológica», Universidade Católica Portuguesa – Centro Regional do Porto – Faculdade de Teologia, Porto, 2010, 626 p., 230 x 160, ISBN 978-972-9290-22-0.

O texto que neste livro se publica foi dissertação de doutoramento do autor. Decorre daí a sua qualidade científica. Adélio

Abreu procurou investigar e trazer à luz, a partir da e centrando-a na figura e na acção pastoral do Cardeal D. Américo, a história menos conhecida da Igreja e da sociedade na Diocese do Porto e, em menor medida, também em Portugal, nas últimas décadas do agitado e crucial século XIX, ciente que está de que «a inserção e participação do bispo [por ele estudado] na vida política, religiosa e social do tempo fazem do seu episcopado uma instância privilegiada de aproximação à sociedade e à Igreja oitocentista, com uma amplitude diocesana e nacional.» (Introdução, p. 12).

Para conseguir o objectivo da sua investigação, Adélio Abreu pesquisou abundante documentação, que recolheu nos arquivos apropriados; procurou, a partir dela e ajudado por bibliografia atinente, encontrar o fio condutor da acção pastoral do prelado em causa e organizar a estrutura do seu texto. Dividiu-o em três partes: uma primeira, biográfica; uma segunda em que expõe a relação entre a Igreja e a sociedade na actuação de D. Américo; e a terceira dedicada expressamente ao governo pastoral da Diocese do Porto, com particular incidência na formação e disciplina do clero. A complementar o texto, o livro apresenta quase cem páginas de anexos, nestes se incluindo tabelas, mapas e documentos de que faz transcrição (essencialmente cartas de e para D. Américo, mas também de outros autores e com outros destinatários). A bibliografia está exemplarmente apresentada, distribuída por fontes e estudos, sendo aquelas subdivididas em fontes inéditas e fontes publicadas.

O estudo encontra-se muito bem documentado, como convém a um estudo científico e em particular a um trabalho historiográfico. O discurso é predominantemente narrativo e descritivo, como também é próprio desta área do saber.